

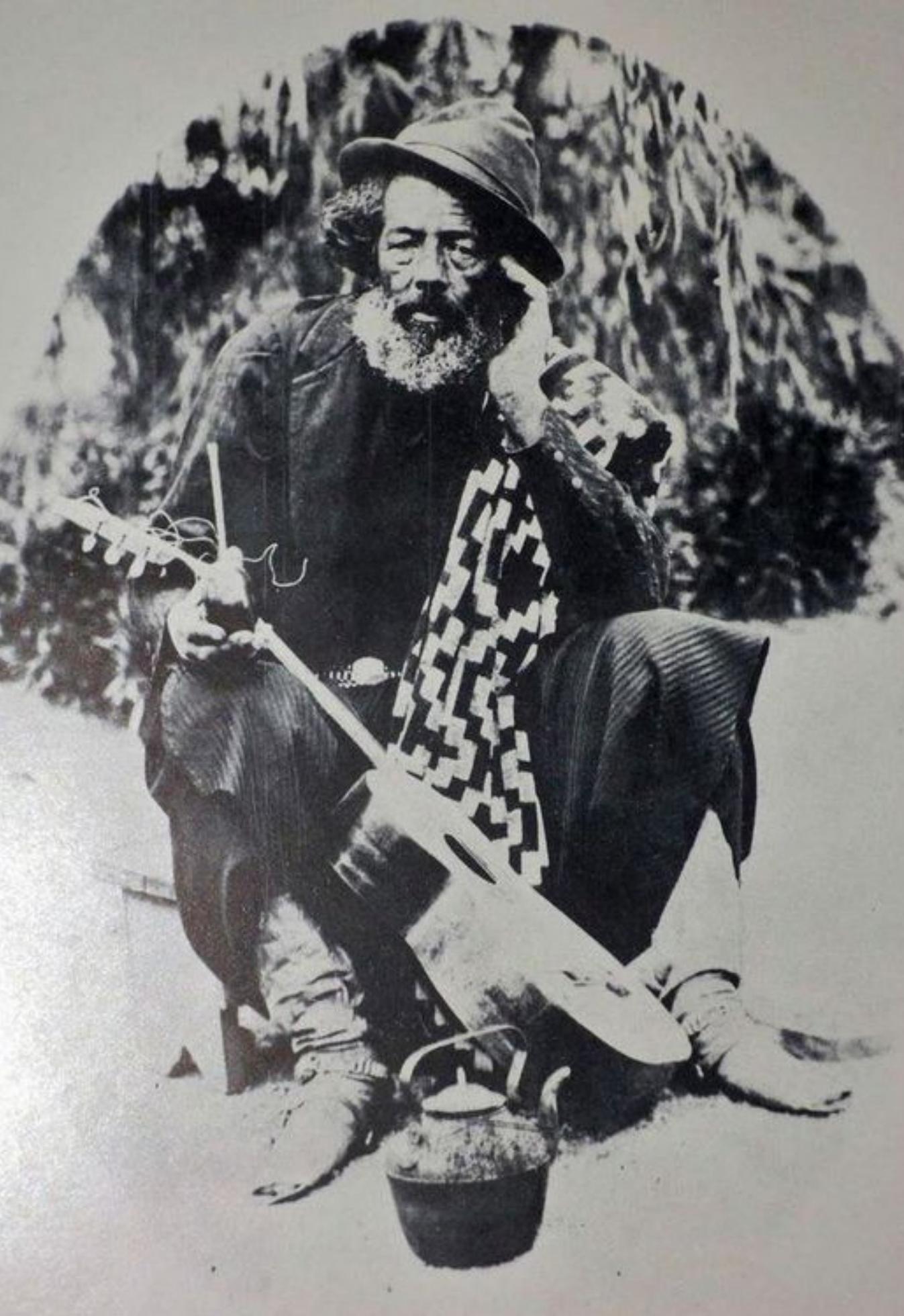
# WIMBU





Projeto realizado com recursos da Lei Complementar no 195/2022.  
O Ministério da Cultura e a Secretaria da Cultura do Estado apresentam:





# REINVENÇÃO PLURIVERSA DOS ESTILHAÇOS

Por Eliane Marques

Romancista e poeta

@elianemarques.escritora

No início todo o poder estava nele investido. Solitário, comandava o universo até a chegada de Atunda, seu auxiliar na criação. Invejoso do umbuzeiro que era Orixalá, o servo rola um rochedo do topo. O rochedo estilhaça a divindade. Estilhaça-a em incontáveis pedaços. Pedaços que passam a constituir, cada um, pluriversos – meu mundo, ar-palavra, deus abandonado, dna de cristo, pra gente dançar, vherá, vez em quando sufoco, salve-se quem souder, obrigado, igualmente, tá no sangue, nuvens e umbu. Pluridade sem caos, morte concebida como fissura que se resolve na pluridade da arte, jamais, jamais na extinção. Ecoando o poeta Oliveira Silveira em “Negro no sul”, pluriarte cujas ondas nos libertam de mil disfarçadas senzalas prisões diabo a quatro onde tentam nos manter agrilhoados.

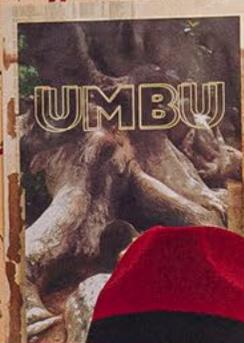
Pluriverso sonoro e imagético que empresta algo de sombra, de aconchego, às vezes algo de sol e de incômodo. Suas raízes recolhem águas, águas das chuvas, das enchentes, das enxurradas, do mate amargo. Mas também a água da secura. Em época de escassez, seus som

e sopro, alimentam mais que um prato de arroz com amor. Pode viver cem anos. Ou mais. É existência, por isso dá samba, “samba que sobra da gente, na gente que sobra do samba”. E semba!

Versado da língua iorubá para o pretuguês, um dos sentidos de Atunda, e uma das dimensões de Orixalá - a criação – reside na palavra mão. A palavra mão que faz, que toca, que joga, que estilhaça, tão suja quanto a palavra pé, ambos, com pedaços de nuvens, improvisam horizontes pelo retrovisor, um retrovisor que bem poderia ser o espelho de Oxum.

Servindo-nos da concepção de Améfrica, esse prato saboroso e desconcertante servido por Lélia Gonzáles, o projeto UMBU permite circular por seu tronco e folhas parte da seiva feita pelas raízes das tradições bantus, iorubás, guaranis, charruas, ressonando uma singular africanidade meridional. UMBU, quase UMBUNTU, versa, canta, veste e se reveste da língua meridional dos ancestrais, fontes de existência, permanência e recriação, muito boa recriação.

Auetu!



**Rafael Rodrigues**  
@rafarodrigues000

Iniciou a carreira na ala infanto-juvenil de cavaquinho da Imperadores do Samba, tradicional escola de samba de Porto Alegre e no Bloco Afrosul Odomodê. Fundador da Turucutá Batucada Coletiva. Como músico integra os grupos Triozinho da Silva, Maria Bethânia Híbrida e Umbu. Como arranjador já trabalhou com Paulinho Fagundes, Hique Gomez, Valéria Barcellos, Gélson Oliveira, Tonho Crocco, João de Almeida Neto, Nani Medeiros, Adriana Deffenti, Pingo Borel, Andrea Cavalheiro, Glau Barros, Marietti Fialho e Projeto Ialodê. Diretor Musical do projeto infanto-juvenil Fantasmagórico, das peças Cabaré da Mulher Braba e Cabaré do Amor Rasgado e do grupo Caco Velho Ensemble.

**Lucas Luz**  
@lucasjasluz

Idealizador de UMBU, projeto onde também realiza as direções artística e musical. Pesquisador da música e da cultura popular, tradicional e folclórica brasileira, idealizou o Projeto Gema, agraciado pelo IPHAN com honra ao mérito no Prêmio Rodrigo de Melo Franco Andrade – 2018. Autor dos livros para a infância Elefante-Folha (Fumproarte, 2014) e Pássaros de Papel (Fumproarte, 2018). O primeiro foi finalista dos prêmios Açorianos e AGES, ano de 2015, e o segundo no Prêmio Minuano 2019. Em Umbu, é o principal compositor, também sendo o responsável por baterias e percussões eletrônicas e samples.

**Stephanie Soeiro**  
@stephanie\_soeiro

Stephanie Soeiro é cantora, compositora e multi-instrumentista de Porto Alegre. Iniciou sua trajetória musical aos 8 anos na escola Heitor Villa Lobos e, desde então, vem se destacando em diversos projetos como a Orquestra Villa Lobos, a banda de rock Addara e o grupo Lobos de Villa, do qual é fundadora. Com formação em canto e flauta, já atuou como educadora musical e participou de festivais, espetáculos e gravações, explorando gêneros como indie, folk, rap, samba e MPB. Em 2023, retomou sua carreira com força total e lançou um EP autoral com 3 Singles, preparando agora seu primeiro álbum com 15 faixas próprias.

**Dii Neques**  
@diihneques

Natural de Alvorada, nascido e criado dentro de um terreiro de Batuque, Diih Neques Olákúndê é músico percussionista, alagbê e educador social. Iniciou sua trajetória musical aos 8 anos tocando nos terreiros das nações de batuque do RS, aos 11 anos fez parte do Projeto Nação Periférica – projeto sócio cultural que ensinava música aos jovens da periferia – e com 14 anos tornou-se educador neste projeto. Tocou e gravou com diversos artistas brasileiros, tais como Angelo Primon, Dessa Ferreira, Gutcha Ramil, Dona Conceição, Adriana Deffenti, Noal, Ettore Sanfelice e produziu alguns trabalhos com músicos de fora do país com Iou Pacon Oulai (Costa do Marfim), Idowu Akinruli (Nigéria) e Dj Magabo (Seattle, Washington, EUA) entre outros. Seus pais foram um dos primeiros moradores do bairro Umbu, primeira ocupação urbana da América Latina.

**Brenno Di Napoli**  
@brennocidious

Baixista e produtor. Começou o projeto UMBU junto a Luz em 2018. Fez parte da banda da cantora Rita Lee. Sócio-proprietário da produtora musical 4'33". Atualmente em cartaz com os projetos Fantasmagóricos -Um show do além-, e Bethânia Híbrida. Foi Diretor Musical do grupo KLB e também tocou com Lobão, Fabio Jr., Joana, Vanessa Camargo e Rouge.

**Felipe Santos**  
@felipesantossotnasepilef

Felipe Santos é percussionista. Na primeira metade da década de 2000, integrou o grupo de rap Da Guedes e com eles viajou o mundo. Atualmente toca com as bandas Funkalister, Motherfunky, Triozinho da Silva e já gravou com nomes como Luis Vagner Guitarreiro, Zumbira e os Palmares, Funkalister, Da Guedes, Diretoria, Tribo Brasil, Triozinho da Silva, Edu Meireles, a cantora americana Myla Hardie, Banda Calote, entre outros. Com Maurício Nader, participou da criação das trilhas sonoras das séries Doce de Mãe e Homens de Bem (Casa de Cinema – Rede Globo de Televisão), fez trilha viva nas peças Boca de Ouro e Beijo no Asfalto (Roberto Oliveira/ Depósito de Teatro) e no espetáculo Insensatez, da escola de circo Maria Pendurada.



# RELEASE

**UMBU** é uma plataforma de criação imagético-musical baseada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Organizada de forma coletiva, é composta por Stephanie Soeiro, Brenno di Napoli, Diih Neques Olákùndé, Felipe Santos, Guilherme Fernandes, Lucas Luz, Mário Ferrari e Rafa Rodrigues.

Seu primeiro conteúdo, o álbum homônimo lançado em maio de 2025 com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 - Lei Paulo Gustavo, apresenta 12 faixas com influências de musicalidades gaúchas como o batuque de nação, as tribos de carnaval, milonga, o maçambique de Osório, suingue, a música espiritual mbyá guarani, os ternos de reis e as duplas caipiras dos anos 1970; ritmos afrodiaspóricos latinos e caribenhos como a cumbia, merengue, dub e dancehall; o afrobeat nigeriano e o semba de Angola; e também ritmos brasileiros como o baião, congado, samba de roda, zambiapunga e maxixe.

Em uma linguagem moderna, sampler, MPC e sintetizadores dialogam com instrumentos de percussão como ilú, xequerê, patangome, caracaxá, casaca

**UMBU** é:

**Stephanie Soeiro:** voz e flauta doce

**Brenno di Napoli:** produção musical; baixo elétrico, baixo synth, guitarra, viola caipira e trompete

**Diih Neques Olákùndé:** voz, ilú, agê

**Felipe Santos:** arranjos de percussão; congas, timbal,

**Guilherme Fernandes:** stylist, fotos e vídeos

**Lucas Luz:** direção artística e musical, letras, MPC, sampler e voz

**Mário Ferrari:** artes gráficas, bases eletrônicas e guitarra

**Rafa Rodrigues:** voz, violão, viola caipira, guitarra, cavaco e saxofone

e talking drum, além de guitarra, baixo, cavaco, violão e viola caipira. E assim, suas canções apresentam uma poesia inspirada nos contadores de história, nos slams, em Eduardo Galeano, Paulo Leminski, entre outros, abordando assuntos como o racismo estrutural, Exu, a agressiva expansão imobiliária, o extermínio da juventude negra, as cansativas jornadas de trabalho e a decolonialidade.

O álbum UMBU é composto por 09 faixas autorais, versões de "Obrigado, igualmente" (Prateado & Belinho), "Salve-se quem souber" (Gelson Oliveira) e um tema instrumental em homenagem a Luis Vagner Guitarreiro, homenageado neste projeto. Participaram deste álbum Mateus Mapa, Rodrigo Siervo, Huberto Martins e Renato Ago (Funkalister), Filipe Narcizo e Edjane Deodoro, em uma homenagem a sua mãe, Mestra Iara Deodoro, falecida em setembro de 2024.

# BIO

Verão de 2018. Um golpe havia acontecido no Brasil e a prisão de um presidente — resultado de um processo no mínimo duvidoso — fragilizavam a jovem e sensível democracia brasileira, assustando todo um setor progressista da sociedade. Quanto mais o tempo passava, mais se tornava iminente a eleição do inominável. A expectativa era pouca, e a esperança, nem mesmo em utopia.

Em uma manhã de sábado, ao acaso, em meio à feira apertada de tanta gente e de tanta coisa boa, Brenno e Lucas se encontraram. Cada um trouxe um pouco dos seus anseios para aquele momento: o sufoco de trabalhar com arte e cultura em um país que, institucionalmente, desejava exterminar seus ecossistemas, e a urgência de criar novas saídas para capitalizar suas vidas.

Sem saber ao certo o que fazer, combinaram um encontro para o fim da estação. Foi somente após Lucas visitar um antigo HD — onde havia demos, trilhas, grooves e samples de um projeto musical de que participara na segunda metade dos anos 2000 — que encontraram um ponto de partida.

Ainda que nada daqueles registros tenha sido utilizado, eles serviram como referência para novas escutas, trocas e para que conhecessem melhor seus respectivos processos de criação. A partir disso, os primeiros temas e composições foram surgindo, à medida que outros integrantes passaram a colaborar: Diih, Rafa e Kevin Brezolin.

Alguns meses depois, sem conseguirem conciliar os horários, apenas Brenno e Lucas conseguiram dar sequência aos encontros, que logo foram novamente suspensos: havia uma pandemia no meio do caminho.

Depois disso, apenas no segundo semestre de 2023 que os dois conseguiram retomar os encontros, já com novas ideias e criações. Em paralelo, Diih e Lucas esboçaram um projeto para misturar musicalidades negras presentes no Rio Grande do Sul com outras linguagens musicais.

A partir da aprovação de UMBU em um edital de criação artística da Lei Paulo Gustavo, no início de 2024, Brenno, Diih e Lucas entenderam que tornar os dois projetos um só seria o mais interessante, inteligente e estratégico a se fazer — especialmente porque ambos se confundiam e convergiam em muitos momentos. Rafa foi chamado novamente, Felipe foi convidado para pensar nos arranjos de percussão, e Ste trouxe sua voz para registrar as canções propostas. Depois, somaram-se Gui e Mário.

Assim, UMBU deixou de ser "apenas uma banda" e se tornou uma plataforma de criação imagético-musical, lançando em 2025 seu primeiro álbum e iniciando a circulação de suas apresentações.



## FICHA TÉCNICA

### 1. MEU MUNDO

BKUKC2500012

(Letra e música: Lucas Luz)

### 2. VEZ EM QUANDO SUFOCO

BKUKC2500010

(Letra: Lucas Luz | Música: Brenno di Napoli, Felipe Santos, Lucas Luz, Rafa Rodrigues e Stephanie Soeiro)

### 3. AR-PALAVRA

BKUKC2500009

(Letra: Lucas Luz | Música: Brenno di Napoli e Lucas Luz)

### 4. DNA DE CRISTO (TODO JESUS É NEGRO QUANDO A VIDA DIZ NÃO)

BKUKC2500003

(Letra: Lucas Luz e Diih Neques Olákùndé | Música: Lucas Luz e Mário Ferrari)

### 5. NUVENS

BKUKC2500011

(Letra: Lucas Luz | Música: Brenno di Napoli)

### 6. UMBU | OLOFIN

BKUKC2500002

(Letra: Lucas Luz | Música: Brenno di Napoli e Diih Neques Olákùndé)

### 7. SALVE-SE QUEM SOUBER

BKUKC2500001

(Gelson Oliveira, Sérgio Rezende e Paul Castro)

### 8. PRA GENTE DANÇAR

BKUKC2500008

(Letra: Lucas Luz | Música: Brenno di Napoli e Lucas Luz)

### 9. OBRIGADO, IGUALMENTE

BKUKC2500007

(Santolin e Fernando F. Lourenço)

### 10. DEUS ABANDONADO

BKUKC2500006

(Letra: Lucas Luz | Música: Mário Ferrari e Lucas Selbach)

### 11. VHERÁ (UM BANCO DE DADOS PARA A GENTE ACESSAR)

BKUKC2500005

(Letra: Lucas Luz | Música: Kevin Brezolin)

### 12. TÁ NO SANGUE

BKUKC2500004

(Música: UMBU)

O álbum UMBU foi gravado entre os meses de agosto de 2024 e março de 2025 no Estúdio 4'33", e teve a sua produção executiva realizada de forma coletiva por todos os seus integrantes.

Direção artística e musical: Lucas Luz  
Produção musical: Brenno di Napoli  
Exceto as faixas "Meu mundo", produzida por Lucas Luz; "DNA de Cristo (Todo Jesus é negro quando a vida diz não)" e Deus Abandonado, produzidas por Mário Ferrari; Obrigado, igualmente e Vherá (Um banco de dados para a gente acessar) coproduzidas por Kevin Brezolin (@\_dasluz, @taletalrecords)  
Mixagem: Brenno di Napoli e André Brasil  
Masterização: Júlio Porto (@marmitastudios)

Arte da capa: Mário Ferrari, sob fotografia de Genaro Joner

Fotos e stylist: Guilherme Fernandes  
Figurinos: Danielle Silva | @semnome.sa  
Bordados: Mitti Mendonça | @maonegra.atelier

Este álbum possui trechos gravados ou reproduzidos organicamente de George Chase, Régis e Rogério Duprat, Grande Otelo, Ti Paris, Afoxé Filhos de Ghandi, The Congos, Steel Pulse, Duo Ouro Negro, Eduardo Galeano, Orquestra Afro-Brasileira, Mestre Renato, Prateado & Belinho, Horace Andy, Roberto Ribeiro, Antônio Cardoso, Mbyas Guaranis da Aldeia Tekoá Guaviraty Porã e Luis Vagner.

Agradecimentos: Dona Tânia, Roger Olanyan de Aganju, Fernanda Bras, Gelson Oliveira, Sergio Rezende, Diogo Sili de Castro, Flávio Ramos, Ismael Silva Correa de Oliveira, Magali de Rossi, Alejandro Brites, Madalena Zito Abel, Ricardo Zito, Kevin Brezolin, Mateus Mapa, Huberto Boquinha, Rodrigo Siervo, Renato Dall Ago, Lucas Selbach, Vini Ferrão, Vherá Poty, Genaro Joner, Julia Dutra, Rafa Santos, Eliane Marques.

Projeto realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 - Lei Paulo Gustavo.

Contatos: Linktr.ee/Umbu.Musica | producao@umbu.rs | +55 (51) 99692-5352

# 1. MEU MUNDO

**Letra e música:** Lucas Luz

**Produção:** Lucas Luz

Stephanie Soeiro: Vocalização  
Brenno di Napoli: Baixo elétrico  
Felipe Santos: Congas  
Lucas Luz: Voz, zubetube, beatbox, loopstation, handsonic, enxadas, xequerê  
Rafa Rodrigues: Guitarra

*Querem que a gente fique pianinho  
Mas o que a gente quer é ser tambor*

*Querem que a gente seja a isca  
Mas o que a gente quer é ser pescador*

*Querem que a gente seja os bois  
Mas o que a gente quer é ser motor*

*Querem privatizar o horizonte  
Mas, quer saber?  
A gente improvisa pelo retrovisor*

*Eles insistem  
A gente já é*

*O ritmo  
O anzol  
A potência  
O movimento*

*Pés que não se sujam não conhecem um mundo que sai do lugar  
Os nossos são a própria estrada  
As curvas, os buracos  
O aceno para quem a gente não conhece  
Mas que sempre esteve ali,  
Como uma paisagem distante*

*Inventaram drones e helicópteros para  
tentar nos vigiar*

*Mas a gente também usa asas postiças  
Pipas e balões  
É o mesmo céu  
O mesmo azul  
Os vapores das águas de lá chovem aqui  
Os vapores do suor daqui apavoram e são a tempestade no lado de lá  
As nuvens estão vindo ou nós que estamos indo?*

*Ilhas de edição  
Desde quando ainda nem estávamos  
Mas já éramos o enredo  
Dos ancestrais que a gente traz  
Memórias do sangue de todos os tipos  
Nas páginas do corpo  
Nas veias dos livros*

*Farinha emprestada às pressas pro vizinho  
Devolvida na fatia de bolo ainda quentinha  
O algoritmo do mundo aqui de fora  
Onde a gente dança  
Onde a gente canta  
Algum ritmo que toque lá dentro  
Onde o coração é tão grande  
Como um gigante escondido no microcosmo da casa  
Inevitável não ver*

*Eles insistem,  
Mas aqui, só amor.*

Essa poesia foi escrita em abril de 2017, nasceu inteira, sem ajustes posteriores. Enquanto estrutura e narrativa, a ideia inicial era algo como uma poesia de slam. Foi durante a pandemia que a música nasceu, a partir de sons vocais filtrados e loopeados em uma estação de loop e percussões eletrônicas. Com duas partes distintas, inclusive em BPM, sua parte B foi finalizada em estúdio já como UMBU, ganhando um arranjo orgânico que referenciamos, apenas entre nós, como “algo meio trilha sonora de filme blaxploitation”.

# 2. VEZ EM QUANDO SUFOCO

**Letra:** Lucas Luz

**Música:** Brenno di Napoli, Felipe Santos, Lucas Luz, Rafael Rodrigues e Stephanie Soeiro

**Produção:** Brenno di Napoli

Stephanie Soeiro: Voz  
Brenno di Napoli: Baixo elétrico, guitarra, synths, backing vocal, bateria eletrônica  
Felipe Santos: Congas, reco-reco, guiro, cowbell, caxixi  
Lucas Luz: MPC, agogô, backing vocal  
Rafa Rodrigues: Violão, viola caipira

*A gentileza que eu te trouxe  
Não tem nada a ver com o seu rosto  
O sustento que me assusta  
Não tem nada a ver com o meu gosto*

*Eu acordo cedinho,  
Boto o galo pra cantar  
Entre a mochila e um café  
Um sorriso pra lavar*

*E no walkman, uma voz dá bom dia  
E no walkman, um som “das antigas”  
E no walkman, um refrão do lá-rá-rá-rá  
E no walkman...*

*Veze em quando sufoco  
O “faz-me-rir” é pouco  
Isso me deixa louco  
Veze em quando sufoco  
Meu algodão surrado  
Buzum abarrotado  
Isso me deixa louco  
A minha cara amassada  
A marmita virada  
Isso me deixa louco  
Veze em quando sufoco*

*O cansaço que eu te trago  
Não tem nada a ver com o seu rosto  
O trampo que me atrapalha  
Não tem nada a ver com o meu gosto*

*Eu volto bem tarde,  
Entro na fila pra sonhar  
Entre o pijama e a louça  
A testa do filho pra beijar*

*E no sofá, as fofocas da firma  
E no sofá, as tretas da família  
E no sofá, quatro pernas que enroscam  
E no sofá...*

*Veze em quando sufoco  
O “faz-me-rir” é pouco  
Isso me deixa louco  
Veze em quando sufoco  
Meu algodão surrado  
Buzum abarrotado  
Isso me deixa louco  
Veze em quando sufoco  
Minha cara amassada  
A marmita virada  
Isso me deixa louco  
Veze em quando sufoco*

A letra mais antiga desse álbum, escrita lá por 2004, 2005, mas com alguns “ajustes” recentes. Do sample de abertura até as escolhas rítmicas, optamos por diversos elementos e ritmos populares na América Latina, de “povão” mesmo: cumbia, salsa, maxixe, baião.

### 3. AR-PALAVRA

**Letra:** Lucas Luz  
**Música:** Brenno di Napoli e Lucas Luz  
**Produção:** Brenno di Napoli

Stephanie Soeiro: Voz  
Brenno di Napoli: Baixo elétrico, escaleta, sintetizador, violão  
Diih Neques: Ilú  
Felipe Santos: Congas, xequerê  
Lucas Luz: Bateria, bloco sonoro, clavinete  
Rafa Rodrigues: Violão

*Quando eu subi, lá do alto eu vi  
O meu corpo paralisado,  
sufocando no chão  
Me assustei de mim quando eu percebi  
Minha morte, a minha extinção*

*A casa não me viu mais  
A filha não me viu mais  
Apenas minha história,  
distorcida nas redes sociais*

*Qual teu medo da cor?  
Qual o teu rancor?*

*Goza com a minha cultura,  
mas é só fetiche e diversão*

*Quando eu sumi, só queria estar ali  
Onde os cachorros não sujam os pés  
e me fazem pedir perdão*

*Me despedi de mim quando eu explodi  
Me tornei um sussurro  
Uma voz fantasma no ouvido da multidão*

*Qual teu medo da cor?  
Qual o teu rancor?*

*Goza com a minha cultura,  
mas é só fetiche e diversão*

*A casa não me viu mais  
A filha não me viu mais  
Me tornei um lençol pixado pra chamar  
atenção*

Música feita para o álbum, partindo da milonga, tanto em ritmo quanto pela etimologia do termo, que tem origem no quimbundo e significa “palavra”. Disso, pensamos em um conceito de “milonga afrodiaspórica”, iniciando pelo baixo e pelo sample de música tradicional haitiana, somando aos poucos a bateria funkeada, o merengue, a clave de afrobeat, os violões. A “palavra” também norteia a letra, a partir da ideia de um nome de alguém que é assassinado e depois vira palavra de ordem em manifestações. Para completar, Stephanie deu um registro vocal quase que etéreo para a música.

### 4. DNA DE CRISTO

(TODO JESUS É NEGRO QUANDO A VIDA DIZ NÃO)

**Letra:** Lucas Luz e Diih Neques  
**Música:** Lucas Luz e Mário Ferrari  
**Produção:** Mário Ferrari

Stephanie Soeiro: Voz e backing vocal  
Brenno di Napoli: Baixo elétrico  
Diih Neques: Ilú, conga  
Lucas Luz: MPC  
Mário Ferrari: Beat, guitarra, synth  
Rafa Rodrigues: Guitarra

*Minha biografia é privatizada  
Distorcendo a corrente sanguínea  
Distraíndo para contas bancárias  
Meu biotipo preto*

*Tipo um Cristo que nasceu  
Irmão caçula da mãe  
Filho de um pai postiço  
Moleque criado nos caminhos  
Onde o corpo-despacho é invisível  
E a cor da pele é a decisão*

*Abafada na lona de plástico  
Ou em um pedaço de papelão  
Amarrado no poste  
Todo Jesus é negro quando a vida diz não*

*Não sei se é Exu  
Ou se é a cachaça que abraça  
Mas sei que eles protegem  
A cada 23 minutos que passam  
Vou descansar minha capa  
Alimentar as traças  
Amanhã preciso me salvar de novo*

Foi o Diih, nos encontros de 2018, que mostrou as primeiras anotações que deram origem a essa letra. Sendo ele um jovem preto de periferia, alabê de terreiro e sem perspectiva no Brasil daquele momento, falar em voltar para casa sobre a proteção de um copo de cachaça ou de Exu era algo pertinente em sua vida. Final das contas, ele se tornou o eu-lírico da poesia escrita por Lucas. Daí, a escolha para uma base funk e toques para Exú se tornaram escolhas, de certa forma, urgentes.

## 5. NUVENS

**Letra:** Lucas Luz  
**Música:** Brenno di Napoli  
**Produção:** Brenno di Napoli

Stephanie Soeiro: Voz  
Brenno di Napoli: Baixo elétrico, programação de bateria, guitarra, kalimba  
Diih Neques: Ilú  
Felipe Santos: Congas, timbal, patangome, caracaxá, enxada  
Lucas Luz: MPC, clave, enxada  
Rafa Rodrigues: Guitarra

*A imaginação é outro ângulo  
Que o lado de dentro nos dá  
A imaginação é outro ângulo  
Sem final*

*Depois do horizonte tem outro horizonte  
Outro e outro  
Assim por diante*

*Depois do horizonte tem outro horizonte  
Assim por diante, sem dono*

*Nuvens não são apenas nuvens  
São pedaços necessários para o improviso  
Estátuas móveis que aguardam  
Barro etéreo*

Música iniciada em 2018 e concluída durante as gravações de UMBU. A letra traz algo de onírico, fala sobre um hábito genuíno dos seres humanos que é observar o céu e encontrar formas nas nuvens: pareidolia! A música parte de um tema proposto pelo Brenno e tenta traduzir um pouco disso, trazendo elementos sonoros tanto de manifestações culturais que acontecem na rua, em movimento, quanto às possibilidades de samples e sintetizadores.

## 6. UMBU | OLOFIN

**Letra:** Lucas Luz  
**Música:** Diih Neques  
**Produção:** Brenno di Napoli

Brenno di Napoli: Baixo elétrico, guitarra, backing vocal, programação eletrônica  
Diih Neques: Voz, ilú, agê, cowbell

*Quando a gente acordou, nem tinha  
dormido ainda  
Não precisava mais fugir  
Não precisava mais fingir  
As antenas de longe não tinham chegado,  
Ainda não vigiavam*

*Nossa fuga era os olhos piscar  
Congelados por admirar  
Outras nuvens, novos sentidos  
O ar colorido  
Outras ciências que agora protegem*

*O sonho da pele própria  
A alma liquefeita em outras metades  
No samba que sobra da gente  
Na gente que sobra do samba*

*Ebo Un Olofin Orixala  
Olu Itã Pá ladjó Ire  
Talabo ire yebo Olofin Inã*

Assim que o Diih somou aos encontros de 2018, ele propôs que fizéssemos algo que soasse como um “bataque canção”, ainda que em nenhum momento tenhamos usado este termo. A partir de “Olofin”, nkorin em iorubá do bataque de nação praticado no Rio Grande do Sul (do qual Diih é alágbè desde sempre), montamos a estrutura da música e o Brenno inseriu os efeitos e gravou baixo e guitarras. A letra em português só foi escrita durante os processos deste álbum, e imagina como seria o 1º dia após a ocupação do bairro Umbu, em Alvorada, dia 13 de julho de 1987.

## 7. SALVE-SE QUEM SOUBER

**Música:** Gelson Oliveira, Sérgio Rezende e Paul Castro  
**Produção:** Brenno di Napoli

Stephanie Soeiro: Voz  
Brenno di Napoli: Baixo elétrico, programação de bateria, guitarra, kalimba  
Diih Neques: Ilú  
Felipe Santos: Congas, timbal, patangome, caracaxá, enxada  
Lucas Luz: MPC, clave, enxada  
Rafa Rodrigues: Guitarra

*Você me pediu  
Pra contar a minha história  
Mas nunca teve tempo prá escutar  
Mas hoje chegou o dia  
E tudo que está preso na memória  
Eu quero libertar  
Deixar voar  
Desabafar*

*Muito cedo já fui sacudido  
Acordado pela vida  
Abandonando os sonhos de menino  
E via meu pai que sofria calado  
Escondendo a ferida  
Acreditando sempre no destino  
Nas ruas os homens com jeito de rei  
Meu coração se trançou  
Sofri mas não chorei*

*Por isso agora eu posso te dizer  
Dei muito soco em ponta de faca, irmão  
Mas nunca quis viver só por viver*

*E sempre voei bem com os pés no chão  
Correndo a cidade  
De boca em boca  
Correndo nas veias  
daquele que sabe entender*

*Salve-se quem souber  
Salve-se quem souber*

Pensando nos conceitos do álbum, em que contar “algumas mesmas histórias” sobre uma outra perspectiva é um dos fios condutores, e também pensando em homenagear nossos mestres em vida, Salve-se quem souber não poderia ficar de fora. Canção originalmente do repertório de Gelson Oliveira, sua letra segue atemporal, provocando importantes reflexões sobre o mundo contemporâneo, sobre ouvir e contar histórias, sobre ter tempo para escutar. Inicialmente, a ideia era a participação da Mestra Iara Deodoro declamando algo sobre isso, sobre a oralidade, sobre os cuidados e os afetos. Com sua partida, entendemos que a melhor forma de homenageá-la era estendendo o convite para sua filha, Edjana Deodoro.

*Aos teus pés, Árvore-Mãe  
Eu pude te ler com as mãos  
Respirar teu tambor-oxigênio  
Admirar as histórias contadas pelas folhas  
para que eu sempre me mantivesse acordada  
Enquanto os homens do lado de lá,  
Que nada sabiam de nós,  
Insistiam em nossa erosão.*

*Gratidão, Árvore-Mãe  
Por tuas raízes rasgarem as calçadas de todos os  
palcos, pistas e avenidas  
Permanecendo em meus sonhos de liberdade  
indomável  
Coreografando novos futuros, potentes frutos.*

*Enquanto eles, aqueles homens do lado de lá,  
Olham nervosos  
Reivindicando o preço do que pegaram a força,  
na marra  
Desejando apagar a nossa força, nossa garra  
Mas não sabem nem ao certo quem são*

*Nós sabemos, somos sementes da mesma raiz...  
a tua raiz  
Forte, profunda, fértil, pulsante vida  
Conexão intensa com a imensidão  
Legado parido, germinado, brotado e preservado  
Gratidão, encantada Árvore-Mãe.*

## 8. PRA GENTE DANÇAR

**Letra:** Lucas Luz  
**Música:** Brenno di Napoli e Lucas Luz  
**Produção:** Brenno di Napoli

Stephanie Soeiro: Voz, Backing Vocals  
Brenno di Napoli: Baixo, Synth, palmas, Viola Caipira  
Felipe Santos: Congas, prato, xequerê, MPC, palmas, Agê  
Lucas Luz: Triângulo, MPC, palmas  
Rafa Rodrigues: Cavaco

*O vapor e o cheiro do café passando,  
Incensam a casa, vão perfumando  
Todos os bafos,  
Todos os rostos  
Ainda sobra ontem no ar de agora*

*Pra gente dançar só precisamos dos corpos  
Tirar a pele do cabide e dançar  
Porque pra gente dançar, só precisamos dos  
corpos  
Distrair a poeira dos caminhos e dançar*

*A umidade colada, o fiapo de sol  
Alugam a casa, vão decorando  
Todos os átomos,  
Todos os mofos  
Ainda sobra ontem no ar de agora*

A partir da vontade de samplear Mestre Renato, do Terno de Reis de Maquiné, essa música surgiu. Loopeamos um trecho em que ele tocava viola e na tentativa do Brenno de deixar tudo no mesmo BPM (Mestre Renato era autodidata, e quando o trecho usado foi gravado, já estava com dificuldades de audição; daí, muitas mudanças na velocidade de execução), o software o “corrigiu” de tal forma que fez soar como um samba-chula do recôncavo baiano. Seguimos nessa ideia e fomos somando os outros instrumentos, também engrossando o pulso grave através de um bumbo de 808. Em sua letra, falamos sobre as possibilidades da dança, independente de lugares, momentos ou protocolos.

## 9. OBRIGADO, IGUALMENTE

**Música:** Santolin e Fernando F. Lourenço  
**Produção:** Kevin Brezolin e Brenno di Napoli

Brenno di Napoli: Baixo synth  
Felipe Santos: Congas, agogô, triângulo, caracaxá  
Lucas Luz: Pandeiro, MPC, casaca  
Rafa Rodrigues: Voz, viola caipira, guitarra  
Kevin Brezolin: Beat eletrônico

*O Rio Grande está completo, tem artistas diferentes*

*Tem uns grosso e tem uns vivo, e tem uns impertinente*

*Se me chamam de moderno eu agradeço contente*

*Mas se me chamam de grosso: obrigado, igualmente!*

*Tem artista embrulhão e tem uns inteligente  
Tem artista fracassado, tem artista competente*

*Os artistas que falaram que a nossa dupla é pra frente*

*O que eu posso responder: obrigado, igualmente!*

*Água de poço é parada, água de rio é corrente*

*No inverno só faz frio, mas tem o verão que é quente*

*Pra quem me dá o desprezo, eu devolvo o presente*

*Mas quem deseja o bem: obrigado, igualmente!*

*Nós vamos se despedir, mas voltamos novamente*

*Se Deus assim permitir pois ele manda na gente*

*Vamos fazer outra letra, mas um pouco diferente*

*Se gostaram do pagode: obrigado, igualmente!*

Pagode de viola da dupla caipira Prateado & Belinho, de Canoas - RS. Quase uma "antítese" da Estética do Frio, falando desde a década de 1970 sobre o calor que faz no Rio Grande do Sul. Em uma linguagem com referências aos ritmos eletrônicos latinos, como dancehall e reggaeton, aproximamos as regiões nordeste -com as células de baião-, sudeste (o próprio pagode de viola) e sul. Mantendo a ideia original de duas vozes, Ste e Rafa registraram seus vocais.

## 10. DEUS ABANDONADO

**Letra:** Lucas Luz  
**Música:** Lucas Selbach e Mário Ferrari  
**Produção:** Mário Ferrari

Stephanie Soeiro: Voz  
Brenno di Napoli: Baixo elétrico  
Felipe Narcizo: Baixo elétrico  
Felipe Santos: Congas, cowbell, caxixi  
Lucas Luz: Caxixi, hi-hat  
Mário Ferrari: Programação eletrônica, clavinete

*Perto do final de feira*

*Quando o que sobrou é mais barato*

*Ou antes do salmo*

*Eu não lembro*

*Tanto faz*

*É tudo meio igual*

*Eu vi um deus abandonado*

*Fosse nosso filho*

*Iriamos querê-lo campeão*

*Pelo seu corpo em aprendizado*

*Pela sua beleza sem compromisso*

*Pela sua elegância em não ser eu*

*Pelo seu raciocínio cara de pau*

*Mas não*

*Inventamos a pena*

*Inventamos o medo*

*Inventamos o pavor*

*Inventamos a culpa e sua irmã gêmea má*

*Justificados pela matemática absurda de quem faz parte*

*Do "esquema"*

*Eu vi um deus abandonado*

*Na minha remela de ontem*

*Na baba coagulada de ontem pendurada nos fios de minha barba*

*No meu bafo de hoje*

*E é um só*

Música com base pesada para uma poesia que discorre sobre meninos de rua, também presentes na arte da capa do álbum. O baixo, gravado por Filipe Narcizo, "carrega" a música com toda a sua intensidade e simplicidade, enquanto a produção de Mário Ferrari abusa de samples e efeitos, preenchendo diversas camadas sonoras, transformando a música em um potente dub steppa.

# 11. VHERÁ

## (UM BANCO DE DADOS PARA A GENTE ACESSAR)

**Letra:** Lucas Luz  
**Música:** Kevin Brezolin  
**Produção:** Kevin Brezolin e Brenno di Napoli

Stephanie Soeiro: Voz, backing vocals e flauta doce  
Brenno di Napoli: Upright Bass, synth  
Felipe Santos: Congas  
Lucas Luz: MPC  
Rafa Rodrigues: Backing vocal  
Kevin Brezolin: Programação eletrônica e sampler

*A criança pendurada nas tetas da mãe  
Pintando com leite no rosto,  
A saúde dos que foram e futuras canções*

*Quando a pena confunde o básico e a  
pobreza  
E a gente não entende se é arte ou violência  
A ignorância coloniza*

*Miséria não é ser simples na vida  
Miséria é querer aquilo que não precisa*

*Haverá um outro banco de dados para a  
gente acessar  
E conectar juruás de tribos sem rosto  
Com os mbyas, suas palavras e o seu  
cosmos?*

*A guitarra pendurada nos ombros de Poty  
Eletrificando os sonhos  
Dos que ainda não dormiram e das luzes da  
manhã*

*Quando o racismo confunde fantasia e  
essência  
E a gente não entende se é arte ou violência  
A ignorância coloniza*

*Identidade não é negar a tecnologia  
Identidade é um silêncio que anuncia*

*Haverá um outro banco de dados para a  
gente acessar  
E conectar juruás de tribos sem rosto  
Com os mbyas, suas palavras e o seu  
cosmos?*

Kevin produziu essa música a partir de samples dos Mbya Guarani da Aldeia Tekoá Guaviraty Porã de Santa Maria, registrados no Projeto Gema em 2016. Na época, o pedido para ele era para a música soar como “uma rave dentro da aldeia”. A inspiração para a letra foi Vherá Poty, jovem liderança, mediador entre os mbya e os “não-indígenas”, cacique. A Ste, com toda a sua potência vocal, carimbou a identidade da música, também propondo vocalizações e melodias na flauta doce.

# 12. TÁ NO SANGUE

**Música:** UMBU  
**Produção:** Brenno di Napoli  
**Arranjo de sopros:** Mateus Mapa, inspirado nos arranjos de Marco Farias

Brenno di Napoli: Baixo elétrico, Rhodes, synth  
Diih Neques: Ilú, caixa  
Felipe Santos: Congas, surdo, xequerê, pandeiro  
Lucas Luz: Trilho de trem  
Rafa Rodrigues: Guitarras, sax soprano  
Huberto Martins: Trombone  
Renato Dall Ago: Trompete  
Rodrigo Siervo: Sax tenor

*Contém trechos gravados de Luis Vagner para o **Projeto Gema**.*

Pouco antes de sua passagem, Lucas fez uma “provocação” a Luis Vagner, sobre qual seria a clave do suingue, caso ele tivesse nascido essencialmente a partir de um ritmo percussivo. É desse diálogo que nasce essa homenagem, na qual usamos elementos das tribos de carnaval, do batuque de nação e também trilhos de trem. Mateus Mapa, inspirado em arranjos de Marco Farias, arranjou os sopros, gravados por Renato dall Ago, Huberto Martins e Rodrigo Siervo. E é isso, tá no sangue!

# CIFRAS

## VEZ EM QUANDO SUFOCO

intro **E6 E E7M E6**

**E6 %** **E %**  
A gentileza que eu te trouxe

**E7M %** **E6 %**  
não tem nada a ver com o seu rosto

**E6 %** **E %**  
O sustento que me assusta

**E7M %** **E6 %**  
não tem nada a ver com o meu gosto

**E B7 E B7**  
Eu acordo cedinho boto o galo pra cantar

**E B7 E B7**  
Entre a mochila e um café um sorriso pra lavar

**E B7 E B**  
E no walkman, um som das antigas

**E B7 E B**  
E no walkman, a velha cantiga

**E B7 E B**  
E no walkman, um refrão do lá-rá-rá-rá

**E B7 E %**  
E no walkman

**E B7**  
Veza em quando sufoco o faz-me-rir é pouco

**E B7**  
Isso me deixa louco (Veza em quando sufoco)

**E B7 E**  
Meu algodão surrado buzum abarrotado

**B7**  
isso me deixa louco

**E B7 E**  
A minha cara amassada a marmita virada

**B7**  
isso me deixa louco

**B7 %**  
Veza em quando sufoco

**E6 % E %**  
O cansaço que eu te trago

**E7M % E6 %**  
não tem nada a ver com o seu rosto

**E6 % E %**  
O trampo que me atrapalha

**E7M % E6 %**  
não tem nada a ver com o meu gosto

**E B7 E B7**  
Eu volto bem tarde entro na fila pra sonhar

**E B7 E B7**  
Entre o pijama e a louça a testa do filho pra beijar

**E B7 E B7**  
E no sofá, as fofocas da firma

**E B7 E B7**  
E no sofá, as tretas da família

**E B7 E**  
E no sofá, quatro pernas

**B7 E B7 B7 %**  
que enroscam e no sofá

## PRA GENTE DANÇAR

intro **A B A B (6x)**

**A B A/C# B/D#**  
O vapor e o cheiro do café passando

**A B A/C# B/D#**  
Incensam a casa, vão perfumando

**A B A/C# B/D#**  
Todos os bafos, todos os rostos

**A B A/C# B/D#**  
Ainda sobra ontem no ar de agora (2x)

**A B A/C# B/D#**  
Ainda sobra ontem no ar de agora

**A B A/C# B/D# A B A/C# B/D#**  
No ar de agora, no ar de agora

**A B**  
Porque pra gente dançar

**A/C# B/D#**  
só precisamos dos corpos

**A B A/C# B/D#**  
Tirar a pele do cabide e dançar

**A B**  
Porque pra gente dançar,

**A/C# B/D#**  
só precisamos dos corpos

**A B A/C# B/D#**  
Distrair a poeira do caminho e dançar (2x)

**A B A/C# B/D#**  
A umidade colada, o fiapo de Sol

**A B A/C# B/D#**  
Alugam a casa, vão decorando

**A B A/C# B/D#**  
Todos os átomos, todos os mofos

**A B A/C# B/D#**  
Ainda sobra ontem no ar de agora

**A B A/C# B/D# A B A/C# B/D#**  
No ar de agora, no ar de agora

# NÃO É A IDADE, É A ETERNIDADE

Por Mateus Mapa

Não sei quando foi que o Guitarreiro, Luis Vagner Dutra Lopes, começou a usar a música pra conversar com o eterno. O que se sabe é que aos 26 anos, em 1974, estava lançando seu primeiro LP pela Warner, o "Simples", título esse sugerido nada mais nada menos que por Nelson Sargento, que gravava no estúdio ao lado, e encantado com a música que vinha do vizinho de parede perguntou quem era. Responderam que era um menino humilde que tava gravando seu primeiro disco, ao que Nelson Sargento corrige: "se tem uma coisa que esse garoto não é, é humilde. Ele pode ser Simples, mas humilde não". A gravadora ouviu aquela resposta como um caminho para o nome do disco de estreia do Guri Guru Luis Vagner. Simples. Ali naquela época da vida ele já dizia, enquanto nos fazia suingar, que "a colheita dessa vida tem que ser florida e tem que ter raiz". Raízes desde sempre exaltadas em suas letras e no som: dos "nêgo véio", do nome dos familiares aparecendo nas músicas, do lugar de origem (Bagé ou Partenon). E tem já desde 1976 o papo, ou o grito da turma: "O MUNDO TÁ EM CRISE", portanto, "pesquise, olha o prêmio nobel".

Não é papo de crente! Em 1979 já no LP Fusão das Raças, conecta a cadência dos Acadêmicos da Orgia, sua escola do

coração em Porto Alegre, à dança das estrelas. Ou seja, sua música nunca foi um contato só com o efêmero, mas sim com algo mais perene e atemporal. Ao mesmo tempo, também carnal, romântico e, por que não, erótico, porque né, "a gente pra viver bem nesse mundo tem que ser um pouco mais inteligente".

O Samba, o Rock, as amizades leais, as irmandades de coração (frère de couer), o amor, são a gema da obra de Luis Vagner. Gema, aliás, projeto irmão siamês do mundo Umbu que estamos agora em contato. Se quiser conhecer um pouco mais do tamanho da presença do Guitarreiro Luis Vagner na nossa Música Brasileira veja o episódio 8 do projeto Gema na internet. É ele próprio contando pra nós. Ah, também pode colocar pra

tocar algum álbum dos 12 que lançou. Música é encontro. Música Tá no Sangue. Brasileiro. Guitarreiro. Sempre fazendo uso do melhor jogo de cintura, arredando os cabeça dura, furando o bloqueio, e buscando a pura cura no som, como diz em "Sedusom". Tudo sempre parece ser guiado pela busca do sucesso. Mas que sucesso? O da procura incessante da força do artista, do poder da arte, pra com isso conseguir estar ligado ao e-ter-no.

Mateus Mapa é músico e autor do livro "Suingue, Samba-rock e Balanço - Músicos, desafios e cenários"

@mateus.mapa





# A REINVENÇÃO DO ANCESTRAL

Por Alejandro Brittes e Magali de Rossi

Ao pensar a formação da identidade musical brasileira, raramente se dá o devido destaque ao papel central dos povos originários. No entanto, foi por meio de seus cantos, seus rituais sonoros e sua relação simbiótica com o mundo natural que se teceu uma das camadas mais profundas da sensibilidade musical do continente. O Brasil, que tantas vezes se define a partir de matrizes africanas e europeias, carrega também — e de forma latente — a musicalidade indígena como “tecnologia da alma”. E entre todas as expressões que herdamos e transformamos nessa matriz, talvez nenhuma seja tão reveladora quanto o Chamamé.

Mais do que um gênero ou estilo, o Chamamé é uma reinvenção latino-americana: uma música que nasce do abraço entre culturas, no encontro entre a cosmogonia, música e rito dos guaranis com a música barroca, nos 30 povos missionários — não houve apenas uma catequese, houve troca, houve enculturação. O que foi ensinado durante séculos dentro das catedrais missionárias, e a resistência de guardar a identidade e sua forma de ser, foi dada para a memória coletiva o papel de guardião e resistência do que mais tarde converteria no chamamé, a música do campo, das lagoas, lagos e rios. Da mesma forma, instrumentos, o baixo contínuo, a verticalidade musical e formas ocidentais foram reterritorializados pelos guaranis, criando uma nova forma destes viverem seus ritos sagrados.

É nesse campo de encontros e fusão que o chamamé se consolida como continuidade da música guarani em versão contemporânea. Não apenas em sua melodia — fluida como um rio que se move entre margens — mas também na sua capacidade de se conectar com o invisível, de construir presença a partir do

som, de elevar o homem ao cosmos. O chamamé não entretém: ele acessa zonas da memória onde o tempo histórico e o tempo mítico se confundem.

Ao ouvir a música: Vherá (um banco de dados para gente acessar), música de Kevin Brezolin, letra de Lucas Luz, fica claro a continuidade da identidade musical dos guaranis e como esta se cria e se recria em outras facetas musicais, com estéticas modernas, com diálogos de resistência e poesia. Em seus acordes, sente-se as árvores, as melodias se movem como o vento que, segundo a tradição guarani, é a própria voz do mundo. Cada nota da música parece querer desenhar o mapa pré-Colombo, aquela terra virgem de Juruá.

Haverá um outro banco de dados pra gente acessar — em relação à capacidade dos guaranis se conectarem com o Universo, fica evidente que Luz teve a capacidade de fazê-lo. Esta frase não é apenas poética: ela é fato! Os Guaranis não escreviam em papel — mas escreviam no som. Seus bancos de memória estavam nos cantos, nas flautas, nos silêncios. Tanto o chamamé quanto Vherá (um banco de dados para gente acessar) é, nesse sentido, um arquivo vivo, onde se pode encontrar vestígios de uma filosofia musical que entende que ouvir é um ato sagrado.

Em tempos de excesso de dados e escassez de sentido, o chamamé e Vherá (um banco de dados para gente acessar), ressurgem como fonte e futuro. Não como folclore, mas como gesto contemporâneo de resistência, reinvenção e pertencimento. Uma música que nos lembra que ser latino-americano é também herdar uma escuta antiga, anterior às fronteiras, e posterior aos modismos.

Alejandro Brittes é músico chamamecero.

Magali de Rossi é produtora cultural e historiadora.

Juntos, lançaram o livro *A origem do Chamamé: Uma história para ser contada*.

@alejandrobrites | @magaliderossiprodu

# MESTRA IARA, SEU LEGADO DE AMOR



Minha trajetória com a mestra e coreógrafa Iara Deodoro é marcada por aprendizados profundos e uma parceria baseada em respeito e carinho. Conheci Iara no Afro-sul Odomodê, onde ela sempre me recebeu de braços abertos, incentivando meu crescimento. Na época, eu morava em Alvorada e me deslocava até Porto Alegre para participar das atividades no Afro-sul e estudar percussão com o grupo Maracatu Truvão.

Nossa relação sempre foi de cumplicidade e admiração mútua. Recentemente, pouco antes de seu falecimento, nos reencontramos no Teatro São Pedro durante o projeto "Serenó Canto", do Thiago Ramil. Fomos convidados para esse espetáculo, onde ela compartilhou a história de seu neto, e eu tive a honra de compor a música Pequeno General.

Esse momento foi muito especial, pois ela expressou sua alegria em ver minha evolução e o quanto aquele reencontro simbolizava nossa

trajetória compartilhada. Iara foi uma guia, uma inspiração e uma amiga que deixou um legado imenso em minha vida e na de tantos outros que tiveram o privilégio de conhecê-la. A importância de homenagear Iara Deodoro é homenagear uma pessoa que representa um legado na cultura negra do Rio Grande do Sul. Lembrar a memória, a vida e a obra dessa mulher incrível é uma maneira de a gente ver que é possível construir mundos, é possível construir espaços, é possível construir uma sociedade que olhe para a força, para o empenho, para tudo aquilo que é bonito e importante que o nosso povo negro do Rio Grande do Sul produziu, produz e ainda vai produzir. Essa homenagem para Iara representa todos nós, porque em vida ela foi uma pessoa que sempre pensou no coletivo, na coletividade. E eu desejo e luto para que a sua história esteja sempre sendo reverenciada aonde for, em quaisquer espaços de cultura que eu entrar, esse legado vai estar junto comigo. A importância da Mestra Iara Deodoro.

**Por Dona Conceição**

cantor, percussionista, compositor, poeta, cineasta, ator e performer

@dona.conceicao

# NAVEGADOR DE LUA

**Por Rafa Rodrigues**

músico, compositor, arranjador e professor  
@rafarodrigues000



Caros colegas do mundo da música, como não se impressionar com a obra, a carreira e a magia de Gelson Oliveira? A primeira vez que o ouvi foi provavelmente na abertura do programa Pandorga, transmitido pela TVE-RS. A música de abertura do programa, chamada Papagaio Pandorga, é um raro caso de uma obra extremamente complexa e ao mesmo tempo popular a ponto de ser tema de um programa infanto-juvenil: uma obra prima. Estamos falando de um autor que fala do tempo com a mesma precisão que descreve esquinas, ônibus, pedras ancestrais e noites mal dormidas. Um compositor que evoca os seus mestres musicais e literários, educando a gente com seu swing e com sua poesia. Gelson Oliveira é mais que uma estrela do nosso tempo. Sua música faz as vezes de um Cruzeiro do Sul pra quem, como nós, desejamos seguir o seu caminho.

# OBRIGADO, IGUALMENTE



Por Lucas Luz

produtor, pesquisador e integrante de UMBU

@lucasjasluz

Foi a programação da tv nas manhãs de domingo, as novelas e alguns de meus brinquedos, lá pela década de 1980, que criaram em minha cabeça a ideia do que é ser gaúcho. Com uma noção espaço-temporal totalmente fantasiosa, os programas que eu assistia domingo logo cedo eram todos um só, até porque pareciam fazer parte de um mesmo contexto. Galpão Crioulo, Globo Rural, Som Brasil -com o falecido Rolandro Boldrin e posteriormente com Lima Duarte-, Viola, minha viola. Todos eles traziam homens (poucas mulheres) com seus chapéus e violões. Não que os chapéus fossem todos iguais. Não que todos fossem violões, muitos eram violas. Meu pai, tendo a tarde de domingo para o lazer, assistia aos filmes de bang-bang que passavam na TV Guaíba -foi só recentemente que descobri que ler revistas de faroeste era um de seus passatempos preferidos quando criança, entre Santo Antônio da Patrulha e o bairro do Sarandi, em Porto Alegre.

Nessa época, uma das minhas brincadeiras preferidas era inventar um mundo rural, mas com paisagens típicas dos filmes de Hollywood, de onde eu estava muito mais perto do que dos interiores de onde vieram meus pais. Quem habitava este mundo eram meus "homenzinhos": bonequinhos Gulliver da linha "Forte Apache". Sem compromisso algum com geografia ou com dogmas do tradicionalismo (do qual nunca fui adepto), e como para mim era tudo a mesma coisa, meus bonequinhos caubóis eram personificados em dois músicos que admiro muito: Renato Borghetti e Almir Sater (em evidência como Zé Trovão, personagem principal da novela "A história de Ana Raio e Zé Trovão". Cavalos, chapéus, barro, botas, gaita e violão. Aos olhos dessa criança, gaúchos.

Já adulto, quando percebi a existência de várias possibilidades

de gaúcho - o histórico, o folclórico, o mitológico, o garoto-propaganda, o "doutrinador que sabe tudo e de tudo", entre tantos outros-, também entendi que a minha ideia de guri não estava tão distante daquilo que hoje acredito e tanto defendo, a ideia de um gaúcho livre que percorre territórios e que oferece seu trabalho, seus conhecimentos e vivência ao outro. De certa forma, um sujeito coletivo, colaborativo. Pena esse tipo historicamente ter sido extinto quando se ergueram as primeiras cercas na pampa.

No dia em que descobri a dupla Prateado & Belinho e seus dois álbuns lançados na década de 1970, tudo confirmou sentido. Nascidos em Santa Catarina e desde pequenos criados na cidade de Canoas, figuram como uma das principais duplas caipiras que já existiram no Rio Grande do Sul. E que não foram poucas, pelo contrário. Eram comuns shows destas duplas pelos circos do interior do estado e gravações de discos, além de possuírem (até hoje!) programas de rádio dedicados exclusivamente para elas. Pena terem sido sistematicamente silenciadas por quem naqueles tempos determinava o que era regional e tradicional gaúcho.

Foi o Rafa quem disse, quando lhe apresentei "Obrigado, igualmente", pagode de viola que integra o segundo álbum da dupla, "Casinha Branca - Vol. 01", de 1972, que se trata praticamente de uma "antítese" para Estética do Frio, de Vitor Ramil -mesmo sabendo de que se trata de uma perspectiva de Vitor para a sua própria música. Esta música precisava estar em nosso álbum. Ela traduz em muito o conceito que propomos, da mesma forma como também simboliza aquilo em que acreditamos: um Rio Grande do Sul diverso, colorido, plural, sem amarras.

Se gostaram da gente, "obrigado, igualmente".

# MÁSCARAS SEM ROSTO

Por Mário Ferrari

2025  
Colagem digital  
Dimensões variáveis (formato digital)

Arte criada para a divulgação do álbum UMBU.

"A tua pele blindada  
Tuas máscaras sem rosto  
Pendurado no cabide o sistema nervoso  
A proteção que privatiza o pulmão  
Quem vai decidir o troco?  
O terno ou a ternura  
O cândido ou a candidatura  
O ato ou atadura  
O vento ou a curva?  
Somos o rosto  
Ou somos a máscara?  
Quando o ódio nasceu assistimos pelo aquário  
O parto guiado por curandeiros da classe média  
Dando à luz a novos deuses  
Enquanto outros cristos morrem indigentes de si mesmos  
Abandonados por quem nunca os teve  
Nem nunca estiveram aqui".



# MUNDUMBU

Por Mário Ferrari

2025  
Colagem digital  
Dimensões variáveis (formato digital)

Arte criada para a divulgação do álbum UMBU.

"umbu: onde a matemática sanguínea junta 1 e 1 dá 3, + ou reinventa as contas; onde alma é um silêncio que nunca sai de moda; onde o pé da fruta pisa o chão descalço insistindo permanência; onde a gema da festa é a gente e nosso jeito; onde os umbilicais são tecnologia que atravessa tempos; onde os ouvidos da pele afinam os silêncios mais altos e os alto-falantes amplificam o "tum-tum" do coração; onde elegância não vai embora com as poeiras - cola na essência! onde o "burro" é genuíno e não escolha; onde juntos somos melhores para nós e onde nós somos o mundo. mundo umbu. mundumbu!"



# UMBURU

# TRIBO

por Mário Ferrari

2025  
Colagem digital  
Dimensões variáveis (formato digital)

Arte criada para a divulgação do álbum UMBU.

"A pele inteira é uma cicatriz estrangulando seus corpos  
Onde moram os genes dos hábitos  
Onde mora a porra toda ejaculada em violências e momentos de lazer  
Invadindo o dentro de todas as partes de dentro  
Invadindo ecossistemas em cada uma de suas veias  
Já "não são mais indígenas"  
Pseudo-mendigos sem batismo, sem deus  
Fantasmas de plástico  
Definidos pelos escombros esquecidos das memórias  
E pelo mundo pós-maturo filho da puta lá de fora."





**UMBU**

